

SÍLVIA PINTO & MADALENA OLIVEIRA

DA LUZ E DO SENTIDO

Hoje, como antes, a nossa vida é marcada por mudanças de luminosidade onde a luz tem o poder de marcar o ambiente físico e psicológico por onde passamos. Como refere Rudolf Arnheim (1997), em *Arte e percepção visual*, a luz é muito mais do que a causa física do que vemos, ou o pré-requisito prático para a maioria das nossas atividades. Psicologicamente, é uma das experiências humanas mais fundamentais e poderosas que existem; é a contraparte visual do calor e interpreta para os olhos o ciclo vital das horas e das estações, isto é, a passagem do tempo. Por este motivo, a luz foi venerada e celebrada em tantas civilizações antigas, e, embora desprovida do seu caráter sobrenatural, a luz não tem nos tempos modernos menor importância do que no passado. No paradigma da ciência moderna, reafirma-se a antiga convicção de que a luz é a fonte principal da vida terrestre e tudo o que existe no universo é condicionado pela sua presença.

O simbolismo da luz e das trevas, da visão e da cegueira datam, provavelmente, de época tão antiga quanto a própria história da Humanidade. Metaforicamente, a luz personifica o bem, como as trevas personificam o mal. Este dualismo de forças antagónicas em luta percorre mitos e crenças de muitos lugares e de muitos tempos. É que, como alerta Arnheim (1997), na percepção, a obscuridade não é vista como uma ausência de luz mas como um princípio tão ativo quanto a própria luz. O dia e a noite personificam, visualmente, o conflito entre o bem e o mal, uma tradução possível dos dilemas da condição humana.

A obscuridade não se resume, no entanto, à ausência de luz ou à constatação da sua falta. Para o “psiquismo do claro-escuro”, na expressão de Bachelard (1989), a negatividade da sombra não é sem fundamento: a obscuridade e a sombra são os lugares onde despertam os fantasmas e os medos. A sombra evoca o fantasma do duplo, uma figura que povoa a

psique humana, provavelmente, desde sempre. O considerável acervo literário e artístico sobre o duplo, assim como o investimento que a psicanálise tem feito sobre a matéria, atesta a gravidade das suas consequências para a vida real, uma vez que “uma coisa é real se é real nas suas consequências” (Goleman, 2006).

A história da luz constitui, incontornavelmente, um facto psicossocial. A evolução dos dispositivos de iluminação – “extensões do olhar” na expressão de McLuhan (2008) – têm vindo a alterar, irreversivelmente, não só a história da arte e das ideias, mas também a nossa vida quotidiana. Como sugere Martine Joly (2000), “a história da luz remete para a história da humanidade”, uma história sulcada pelas narrativas, os feitos e as lendas que levaram o Homem à conquista do fogo e das outras fontes de calor e luz.

De acordo com a tese de McLuhan (2008), a luz elétrica tornou-se no mais revolucionário meio de comunicação, uma vez que a mensagem da luz elétrica corresponde a uma extensão tão radical do espaço e do tempo que nenhum âmbito da nossa vida permanece imune à mudança provocada pela sua emergência. A extensão e a profundidade deste desenvolvimento são de tal ordem que uma ampliação só pode ser suportada pelo sistema nervoso mediante um entorpecimento ou um bloqueio da percepção. Daí que a era dos meios elétricos seja também a era da ansiedade, da inconsciência e da apatia.

A história da luz é uma autêntica lâmpada na história do pensamento e da linguagem. A palavra luz vai-se vestindo, despindo e revestindo, vez após vez, de um conjunto de metáforas que vão mapeando o percurso que nos leva da visão mítica, que um dia os homens acreditaram ser a do dia e da noite, à visão secular, que o iluminismo começou a forjar com a invenção do homem e da liberdade, até à visão psicossocial pela qual nos regemos nos nossos dias.

Se na arquitetura, na cenografia e no cinema, a luz sempre teve um papel estruturante, nas artes visuais, a importância da luz, delegada na fotografia desde os primórdios do modernismo, assume a partir dos anos 1960 um papel extremamente relevante. Por outro lado, a hipótese de a cultura visual do atual *visual turn* (Mitchell, 1994) constituir um novo paradigma que congregue os vários “meios visuais” e a prática artística, comprova a necessidade de reflexão sobre esta matéria, também na arte e na cultura visual.

Sendo matéria da física, a luz é, na verdade, um fenómeno de várias aceções. Nos seus mais diversos sentidos figurados, a luz é sinónimo de razão, de clarividência, de relevância. Ela é, se não em excesso, expressão de virtude, de júbilo, de promessa. Ao tornar visível, a luz revela, elucida, dá

a conhecer, cria enquadramentos, projeta e expande. Ela situa-se no avesso do obscuro, ou do obtuso, para falar nos termos de Roland Barthes (1982), e por isso é tomada como um correspondente da obviedade. Embora em demasia tenha um efeito ofuscante, e portanto perverso, a luz tem a integridade do que é construtivo e auspicioso.

No espírito da filosofia de Paul Virilio, a luz pode ser tomada como fonte de velocidade. É ela que intensifica a relação no ciberespaço, que precipita e torna ligeiro e fugaz o fluxo de informação. Em todos os domínios, da Arquitetura às Artes Visuais, da Tecnologia à Comunicação, a luz é condição de presença diante do olho. Ao impor a existência visível dos objetos, a luz fere as sonoridades que o ouvido acolhe melhor no inverso da claridade. É nesse sentido que, para Norval Baitello, a saturação da visibilidade – que é uma outra forma de falar de uma certa saturação da luz – se traduz numa espécie de surdez intencional (Baitello, 2014).

Fixado para promover a reflexão sobre a importância da luz e das tecnologias óticas, o Ano Internacional da Luz, que se assinalou em 2015, trouxe à evidência a pluridisciplinaridade dos modos de encarar e compreender a luz. Interpretando-a como forma de comunicação, o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho convidou investigadores de diversas áreas para um congresso internacional centrado precisamente no encontro entre os fenómenos luminosos e os fenómenos de comunicação e significação. Com um programa que juntou convidados e participantes da área da física, da arquitetura, da astronomia, das artes e das ciências da comunicação, este congresso constituiu uma oportunidade para um encontro que se diria aparentemente improvável entre áreas científicas tão distintas como as ciências naturais e as ciências sociais e humanas.

Contando com a participação de mais de meia centena de cientistas, o Congresso Internacional Comunicação e Luz, que se realizou nos dias 2, 3 e 4 de novembro de 2015, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, organizou-se em três mesas redondas, duas conferências plenárias e nove painéis de apresentação de comunicações. Neste livro, reúnem-se os textos integrais de 26 trabalhos debatidos no âmbito destes painéis, maioritariamente redigidos em Língua Portuguesa, embora combinados com contributos em Inglês e Espanhol, em conformidade com os idiomas oficiais do evento. Seleccionados mediante a apreciação científica de um resumo inicial, os textos integrais não foram submetidos a avaliação de pares (nem a revisão profissional de língua estrangeira), tendo sido integrados nesta obra com o objetivo de divulgar os trabalhos científicos apresentados e discutidos durante o congresso.

Omisso ao programa social e cultural do Congresso Internacional de Comunicação e Luz, este livro não faz, infelizmente, o registo das atividades que complementaram o programa científico. Seria, no entanto, incompleta uma nota introdutória a esta publicação que não mencionasse duas exposições organizadas a pretexto desta iniciativa. Por um lado, a exposição *iLUX 2015*, uma galeria de cartoons, criada no âmbito do projeto STOL (Science Through Our Lives), gentilmente exibida pelo Departamento de Biologia da Universidade do Minho. Por outro, a exposição *Incomunicação e Luz*, da curadoria de Sílvia Pinto, com trabalhos de vídeo, fotografia e instalação, exibida na Torre de Menagem, no centro da cidade de Braga.

Não obstante a insuficiência desta referência, o livro de atas deste Congresso Internacional reúne em mais de 300 páginas uma grande diversidade de registos científicos inspirados na luz. Será, por isso, uma obra de estilo e interesse difuso. Espera-se, porém, que ela possa ser lida não tanto como um ponto de chegada, de conclusões definitivas, mas antes como a abertura para novos horizontes de pesquisa. E precisamente no espírito desta multiplicidade temática, que a consulta e o recurso a este livro possa encorajar uma mais intensa interseção entre campos científicos que, não sendo competitivos entre si, se completam para uma melhor compreensão do humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arnheim, R. (1997). *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Bachelard, G. (1989). *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Baitello, N. (2014). A cultura do ouvir. In N. B., *A era da iconofagia. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura* (pp. 133-146). São Paulo: Paulus.
- Barthes, R. (1982). *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70.
- Goleman, D. (2006). *Inteligência social. A nova ciência do relacionamento humano*. Lisboa: Temas e Debates.
- Joly, M. (2000). *A imagem e os signos*. Lisboa: Edições 70.
- McLuhan, M. (2008). *Compreender os meios de comunicação. Extensões do Homem*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Mitchell, W. J. T. (1994). *Picture theory. Essays on verbal and visual representation*. Chicago: The Chicago University Press.